

RESENHA | *REVIEW*

**SOUZA, MARCOS ANDRÉ TORRES E COSTA, DIOGO MENEZES
(EDS.). HISTORICAL ARCHAEOLOGY AND ENVIRONMENT.
SPRINGER, 2018. 270PGS.**

Sarah de Barros Viana Hissa

Organizado pelos autores Marcos André Torres de Souza e Diogo Menezes Costa, o livro *Historical Archaeology and Environment* (em tradução livre, *Arqueologia Histórica e Meio Ambiente*) foi publicado pela Editora Springer no ano de 2018 e marca uma contribuição original e importante nas discussões sobre os impactos humanos no planeta, a partir da ótica da arqueologia histórica.

O volume é um desdobramento do Simpósio Temático homônimo conduzido pelos autores da obra e apresentado no *XVIII Congresso da SAB – Arqueologia para Quem?* em 2015, na cidade de Goiânia, Goiás. Desde essa reunião, a qual felizmente tive a oportunidade de assistir, ficou evidente a necessidade de se conferir relevo ao tema, com a arqueologia histórica trazendo suas próprias pautas e/ou perspectivas para a compreensão dos desdobramentos do impacto humano sobre o meio ambiente no passado recente. A partir dos bons resultados do simpósio e com adições de novos autores de outros países, o trabalho tomou então uma abrangência internacional, dando origem à essa publicação.

O primeiro convite à reflexão é oferecido pelos organizadores da obra no capítulo introdutório. O texto examina a dicotomia construída entre arqueologia histórica e pré-histórica, bem como a dualidade entre natureza e cultura, no que tange a compreensão corrente da disciplina acerca das relações da modernidade com o ambiente. Entre alguns caminhos observados pelos autores para oferecer interpretações mais holísticas incluíram a hipótese de Gaia, as práticas sustentáveis, a ideia de antropoceno, pensamentos pós-humanistas, a Teoria Ator-Rede e as perspectivas que sustentam uma simetria entre humanos, outros seres e materiais como valores igualmente legítimos de pesquisa.

O corpo do livro está dividido em três partes, totalizando onze capítulos adicionais à introdução. A primeira parte, com dois textos, trata de grandes estruturas ou modelos de pensamento sobre o tema. Assim, no segundo capítulo do volume, Matt Edgeworth (Universidade de Leicester, Inglaterra) expande o conceito de *arqueoesfera* (*archaeosphere*) inicialmente cunhado para referir-se aos detritos humanos deixados na superfície da Lua e no espaço, para fazer referência também às inúmeras estratigrafias antrópicas na Terra, reunidas em um todo de escala global. A arqueoesfera é então compreendida como parte ativa e dinâmica nos processos e relações com as demais camadas dos vários subsistemas terrestres: atmosfera, hidrosfera, geosfera e biosfera. Sua atuação e efeitos ecológicos globais ultrapassam o domínio humano e extrapolam a sua mera concepção como apenas registro arqueológico, para colocar-se como transformadora e em transformação. O capítulo seguinte, de autoria de Stephen A. Mrozowski (Universidade de Massachusetts Boston, EUA), discute a viabilidade e a sustentabilidade da produção global e em massa de *commodities*, considerando os últimos séculos, enquanto fator atuante no processo de mudanças climáticas.

COMO CITAR

HISSA, Sara. RESENHA: Souza, Marcos André Torres e Costa, Diogo Menezes (Eds.). *Historical Archaeology and Environment*. Springer, 2018. 270pgs. *Cadernos do Lepaarq*, v. XIX, n.37, p. 404-407, Jan-Jun. 2022.

A segunda parte agrupa sete estudos de caso versando sobre arqueologia histórica ambiental em várias regiões do globo. O capítulo que abre essa seção é de Diogo M. Costa (Universidade Federal do Pará), tematizando algumas transformações ambientais na Amazônia brasileira promovidas nos últimos 500 anos pelo avanço da colonização, da exploração de recursos e de assentamentos urbanos. O trabalho também discute como esse processo transformou e transforma as relações entre povos indígenas e coletivos ribeirinhos com seus lugares e paisagens. De forma similar, Patricia Fournier Garcia (Instituto Nacional de Antropologia e História, México) analisa atividades históricas de extração mineral na região central do México e seus impactos degradantes no ambiente. Mais especificamente, trata os efeitos do mercúrio e outras substâncias tóxicas nos solos e lençóis freáticos, utilizados em processos de refino de prata, traçando uma discussão que alcança a maneira pela qual as normativas governamentais atuais tratam o tema. Discute também como os Otomí do vale do Mezquital se tornaram produtores de carvão vegetal. Já Tim Murray (Universidade La Trobe, Austrália) estuda os efeitos da ovinocultura associada à produção de lã de ovelha enquanto *commodity*, em uma região na porção leste da Austrália durante o século XIX e início do XX.

Voltando ao Brasil, Rafael de Abreu e Souza (Museu de Etnologia e Arqueologia da Universidade de São Paulo) apresenta a maneira pela qual ocorreu a urbanização de São Paulo entre os séculos XIX e XX, dominando ou escondendo traços do que se entendia como “natureza” através da constrição e controle das drenagens naturais que cortam a cidade, resultando no desaparecimento de uma categoria de ofício, os pescadores, bem como contribuindo com a atual crise hídrica da região. Já Marcos André Torres de Souza (Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Júlio Cezar Rubin de Rubin (Pontifícia Universidade Católica de Goiás) trabalham com o contexto histórico do Brasil central, a partir da teoria de ator-rede e incluindo componentes não-humanos. Enfocando ocupações setecentistas na região associadas a atividades minerárias, a cultivos e a quilombos, os autores observaram que quanto mais as dimensões sociais se sobrepõem aos aspectos naturais, paradoxalmente, mais eles se entrelaçam ao mundo natural. No capítulo seguinte, a discussão elaborada por Marcos Leitão de Almeida (Universidade Northwestern, EUA) conjuga fontes da linguística histórica, linguística cognitiva e etnografia comparativa, para dissertar sobre como pessoas no Congo se engajaram com uma árvore nativa da África Central, a “mulemba” ou “figueira-africana” (*Ficus thonningii* Bl), e como perceberam seus meios circundantes para além da dicotomia *cultura x natureza*. Fechando essa segunda parte do volume, Alicia Caporaso (Bureau of Ocean Energy Management, EUA), Daniel J. Warren (P&C Scientific, EUA) e Stephen R. Gittings (P&C Scientific, EUA) apresentam resultados de um projeto interdisciplinar de pesquisa arqueológica subaquática desenvolvido no Golfo do México. A pesquisa identificou mais de 100 naufrágios submersos a grandes profundidades, incluindo desde embarcações de madeira até navios de casco de aço da Segunda Guerra Mundial. A equipe multidisciplinar possibilitou inferências sobre os processos de formação desses sítios e as comunidades biológicas que os circundam, entre outros temas.

A terceira parte traz duas discussões da arqueologia histórica em torno do conceito de

antropoceno: uma abalizada em estudo de caso situado na Austrália e a outra, na Antártica. Susan Lawrence e Peter Davies (ambos associados à Universidade La Trobe, Austrália) consideram o antropoceno a partir de uma profunda cronologia que remonta ao povoamento do território australiano há c. 65.000 anos A.P. ao presente. Enfatizando, porém, os últimos 200 anos, tratam informações arqueológicas e dados ambientais provenientes das ciências duras, em especial das ciências biológicas e da terra, para descrever tanto as mudanças antropogênicas quanto as adaptações humanas ao meio ambiente então alterado. Por sua vez, rematando exemplos de todos os continentes oferecidos ao longo da obra, Andrés Zarankin (Universidade Federal de Minas Gerais) e Melisa A. Salerno (Instituto Multidisciplinar de História e Ciências Humanas, CONICET, Argentina) discutem o antropoceno na Antártica, analisando especialmente o contexto histórico da caça a focas no arquipélago Shetlands do Sul. Aportando-se em reflexões sobre definições de mundo material, experiências corporificadas e redes de vivência, incluem na discussão também todos os elementos ambientais (de animais a elementos inanimados) como seres ou materiais informativos sobre o passado. O corpo e os sentidos também no presente figuram como importantes veículos para a compreensão do ambiente, embora mediado por inúmeros equipamentos e minimizando impactos negativos na região.

Vale ressaltar que muitos dos trabalhos oferecidos nessa obra ressaltam o caráter interescalar e transnacional dos processos ambientais em progresso. Ainda, essas arqueologias desafiam a dicotomia Ocidental moderna entre natureza e cultura. Assim, cada capítulo é uma contribuição local para uma discussão que é imperiosa e global, tendo em vista o atual estado de esgotamento das relações extrativistas e exploratórias que travamos com nosso meio, bem como as insuficiências do pensamento cartesiano e dicotômico próprio da modernidade ocidental e da ciência tradicional. Nesse sentido, embora não tenha sido uma obra que nominalmente se utiliza do termo decolonialidade (ou descolonialidade) nas discussões que a compõem, o tema é extremamente relevante também na pauta decolonial.

Por fim, como disse Ariano Suassuna em entrevista já muito citada, enquanto o otimista é um tolo ingênuo e o pessimista é um chato amargo, o bom é *ser realista esperançoso*. Penso que essa última é a posição e o tom do livro; a arqueologia histórica tem muito a contribuir com a discussão em tela e há caminhos possíveis e frutíferos para ousar transpor insuficiências na nossa forma moderna de pensar o passado, o presente, o meio ambiente e nossa inerência a ele.

Recebido em: 27/02/2022
Aprovado em: 26/04/2022
Publicado em: 30/06/2022